



MERIDIANO – Revista de Geografía. número 3. 2014 – versión digital.

<http://www.revistameridiano.org/>

ESPAÇO E CONTRADIÇÕES: os resultados da acumulação flexível no campo da cotidianidade

Roney Gusmão do Carmo^{*}

Ana Elizabeth Santos Alves^{**}

Resumo

Evidências de um “novo” capitalismo flexível têm aportado nos mais remotos espaços do globo. Esse fenômeno repercute diretamente, tanto no desenho espacial urbano, como também na subjetividade das pessoas, instituindo novos e fugidios valores de consumo. Evidentemente, o espaço se mostra como empiria da contradição, sedimentando disputas sociais e permitindo a coexistência caótica entre “velho” e “novo”, entre o “local” e o “global”. Por fim, é entendendo a dialética do nexu expansionista do capital que compreendemos também a forma como as diferenças coexistem e conflitam na cotidianidade das pessoas.

Palavras-chave: Acumulação Flexível; Memória; Espaço; Contradição; Economia.

Abstract

Evidences of a “new” flexible capitalism has arrived in the most remote areas of the world. This phenomenon directly affects both the urban spatial design, as well as the subjectivity of people, introducing new values and consumption habits. Of course, space appears as empirical contradiction, solidifying social disputes and the chaotic allowing coexistence between “old” and “new”, between “local” and “global”. Finally, understanding the expansionary capital

^{*} Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB; Professor Adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Correio eletrônico: guzmao@hotmail.com

^{**} Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA; professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.



nexus that also understand how differences coexist and conflict in daily life of people.

Keywords: Flexible Accumulation; Memory; Space; Contradiction; Economy.

Introdução

O presente artigo é inspirado na tese de doutoramento que estamos desenvolvendo, cuja temática se ocupa dos impactos da acumulação flexível sobre o espaço urbano do município de Vitória da Conquista, situado no Estado da Bahia – Brasil. Foi no início do século XXI que a referida cidade presenciou os efeitos mais marcantes do processo expansionista do capita, que fez aportar diversas redes de lojas franquizadas a redes internacionais, alterando substancialmente a silhueta urbana e modificando o perfil do consumo local.

Se até os anos 1990, o comércio conquistense era marcado por regionalismos, dominado exclusivamente por negociantes locais e por um relacionamento próximo com os fregueses; a partir dos anos 2000 essa realidade foi profundamente modificada por um adensamento da concorrência com grandes empreendimentos que aportaram na cidade. Redes de *fast-food*, hipermercados, gigantescas lojas do ramo eletroeletrônico, lojas de departamento seguindo conceitos internacionais são apenas alguns exemplos da “novidade” resultante da busca predatória por novos nichos do mercado consumidor efetuado pelo capitalismo transnacional.

Nesse sentido, as transformações espaciais do cenário urbano da cidade que estudamos foram expressivas, tanto porque erigiu uma “nova” configuração predial, agora muito mais cosmopolita equalizada a tendências globais, como porque adentrou a subjetividade das pessoas, reorientando condutas e introduzindo novos hábitos e valores. O “novo” capitalismo flexível mostrou-se imponente, realçado pela extravagância de logomarcas gigantescas, empreendimentos comerciais de iluminação golpeante e marketing extremamente articulado.

Na outra extremidade, os micronegociantes locais se viram sufocados pelo acirramento da concorrência com os empreendimentos estrangeiros. As regiões mais privilegiadas do centro comercial foram acometidas de uma grave especulação imobiliária, tornando-se hostil para comerciantes locais, que se viram esmagados pelos novos critérios de perpetuação na arena concorrencial. Tão logo, constrangidos pelas condições severas impostas à economia local, os pequenos empreendedores migraram para um território mais

marginal do centro que hoje se qualifica por comércio popular.

Nesse sentido, o espaço geográfico demonstrou marcas das transformações econômicas que, embora se interconecte a um fenômeno global do capitalismo, revela-se na cotidianidade mais elementar das pessoas, redesenhando cenários e agudizando a contradição, ora porque trinca a identidade dos sujeitos, ora porque agride a simplicidade. O espaço, portanto, é *locus* privilegiado onde se observam assimetrias e contraditoriedades decorrentes da sociedade, fazendo coexistir passado e presente, “velho” e “novo”, identidades e contradições.

Para desenvolvimento dessa análise, recorreremos a um marco teórico que permitiu entender a vinculação dialética entre o local e o global, com uma reconstrução histórica do atual fenômeno da flexibilidade vivenciado pelo capitalismo. Além disso, a investigação também foi acompanhada por etapa empírica, quando se tornou necessário entrevistar microempreendedores locais e comerciários da cidade que atuam nos muitos ramos. Foi um total de dez comerciantes e cinquenta empregados entrevistados, o que permitiu entender a forma destoante pela qual o fenômeno da acumulação flexível tem atingido as representações e discursos de pessoas comuns.

1. Resultados espaciais do “novo” capitalismo flexível

Na superfície mais evidente do expansionismo capitalista, o espaço também se articula às mudanças de ordem social e econômica, demonstrando-se como palco privilegiado onde precipitam as incongruências do modelo organizacional da flexibilidade. A organização do espaço é, então, produto social repleto de conflitos, contradições e resistências, que, pela mesma premissa ideológica anteriormente mencionada, é arquitetado segundo forças que tentam perpetuar na montagem dos cenários.

As relações sociais têm uma existência real enquanto existência espacial concreta, na medida em que produzem e assim, efetivamente a sociedade produz o espaço. Cada local, região ou país tem sua formação própria, sua cultura, valores e costumes e deste modo o espaço vai sendo produzido conforme essas relações mais amplas, em um processo articulado à produção geral da sociedade (CARLOS, 1999, p. 63).

Desse modo, o espaço a qual mencionamos é entendido como produto do desenvolvimento histórico do modo de produção capitalista, é, também, palco onde se materializa os contornos sociais da civilização humana. Não é porção conclusa, sedimentada



no presente por objetos imóveis, mas é fruto da contradição histórica das relações sociais que se complexificam à medida que coadunam o ontem e o hoje na sua materialidade.

A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego do chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas [...]. Ela também envolve um novo movimento que chamarei de “compreensão do espaço-tempo” [...] no mundo capitalista – os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitam, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilita cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variegado (HARVEY, 1993, p. 140).

Nesse sentido, ultrapassando a obviedade do que nossos olhos contemplam no espaço, as lutas e contradições afloram, mostrando o quanto a “ordem” instituída pelo capital suprime para a periferia da contemplação aqueles que foram excluídos do processo expansionista do capitalismo. Mas, mediante essa situação complexa, como o pujante crescimento econômico induzido pela flexibilidade dissimula a exclusão social? Em grande parte, pela carga ideológica contida no discurso que o antecede. Os relatos dos entrevistados que aqui investigamos confirma tal fato, uma vez que o componente subjetivo da acumulação flexível vem moldando a consciência desde tempos anteriores, quando o sucateamento do serviço público era entendido como pretexto para privatizações, quando a sofisticação narrada nos filmes hollywoodianos impunha um desejo pela aquisição de hábitos antes mesmo de que eles fossem acessíveis. A fantasia já tinha sido capturada antes mesmo de que a acumulação flexível aportasse mais claramente por aqui, ou seja, antes mesmo de que a economia fosse transnacionalizada, a subjetividade, o desejo e a fantasia já haviam sido transnacionalizadas. Tendo reconhecido tal fato, não podemos, então, subestimar o poder perpassante do discurso que se monta com o “novo” capitalismo, realçado pela globalização da economia.

[...] Um dos efeitos mais nocivos da globalização e que ela conseguiu sequestrar nossa imaginação, fazendo-a prisioneira do imutável [...] Essa situação objetiva cria a necessidade de se pensar o seu contrário, ou seja, cria a necessidade da utopia, ou seja, de imaginar algo diferente do que é (CEVASCO, 2006, p. 137).

A empreitada ideológica se posiciona, inclusive, no desenho espacial que faz parte do rol de transformações impostas no atual contexto. Logicamente as temporalidades são distintas, pois as mudanças não precipitam em simultaneidade pelo mundo, até mesmo porque as transformações que aqui analisamos perpassam por subjetivações muito mais complexas e que exigem tempos peculiares para tal, afinal, mudanças comportamentais carecem de um

processo muito mais articulado de persuasão. Alterar atitudes solicita mudar representações e afinidades sendo que, para tal, há que se invadir a cultura, o desejo e a fantasia de modo perspicaz e efetivo.

De todo modo, muito eficazmente a acumulação flexível executou esse papel, instaurando transformações profundas no seio social e nas representações dos sujeitos, equalizando desejos e sonhos a moldes homogeneizantes. A própria organização do espaço se tornou um lócus privilegiado onde se sedimentam essas transformações, induzidas pelo momento histórico do capitalismo. Sobre essa ideia, Milton Santos chama atenção para o processo vertiginoso de internacionalização da produção com exemplos bastante pontuais.

[...] Os objetos são criados com intencionalidades precisas, com um objetivo claramente estabelecido de antemão. Da mesma forma, cada objeto é também localizado de forma adequada a que produza os resultados que dele se esperam. No passado, os objetos nos obedeciam no lugar onde estávamos, e onde os criávamos. Hoje, no lugar onde estamos, os objetos não mais nos obedecem, porque são instalados obedecendo a uma lógica que nos é estranha, uma nova fonte de alienação. Sua funcionalidade é extrema, mas seus fins últimos nos escapam. Essa intencionalidade é mercantil, mas é, também, frequentemente simbólica. Aliás, para ser mercantil, frequentemente necessita ser simbólica antes. Quando nos dizem que as hidrelétricas vêm trazer, para o país e para uma região, a esperança de salvação da economia, da integração do mundo, a segurança do progresso, tudo isso são símbolos que nos permitem aceitar a racionalidade do objeto que, na realidade vem exatamente destroçar a nossa relação com a natureza e impor relações desiguais (SANTOS, 1996, p. 56).

O trecho permite uma série de análises que são úteis para o debate que aqui propomos. Primeiro, o autor entende que a transnacionalização da produção se mostra hostil à medida que gera estranhamento de significados contidos nas mercadorias. À medida que ocorre a internacionalização dessa produção, com retirada de caracteres regionais do objeto, bem como do discurso nele embutido, existe um simultâneo distanciamento do sujeito em relação à “coisa” carregada de conflituosidade. Assim, o manuseio (ou o comportamento) requerido pela “personalidade” intrínseca ao objeto em questão se torna estranha, alienada e alienante. A transnacionalização do capital, portanto, agrava a alienação, acirrando fissuras contidas nas relações sociais advindas do modo de produção, cujo distanciamento impede os sujeitos de se reconhecerem nos padrões de comportamento cada vez mais sincronizados ao nexo global.

Em comparação ao período que antecede ao que Santos entende por sociedade técnico-científica-informacional, o autor salienta que “antes, a organização da vida era local, próxima ao homem; hoje essa organização é, cada vez mais, longínqua e estranha. Antes, a sua razão era a própria vida, hoje é uma racionalidade sem razão, sem objetivo, sem teleologia, que comanda a existência dos homens e a evolução dos espaços” (SANTOS, 1996, p. 57). Em



outras palavras, temos “existências” e “espaços” cada vez menos humanizados, menos feitos por sujeitos locais, e mais racionalizados a uma lógica produtiva global.

Outra observação pertinente relatada por Santos é o uso do exemplo sobre a hidrelétrica. O autor chama atenção ao fato de que transformações estruturais, assentadas em mudanças de cenário político e econômico que, por extensão, se materializam no espaço, são carregadas de discurso, aliás, são em si, discursos ideológicos. Essa realidade pode ser constatada pela aceitação que as transformações acabam adquirindo no senso comum, pois, quando envoltas por textos ideológicos, tornam-se mais palatáveis e encontram menores resistências, mesmo que arrastem consigo um número infindável de prejuízos sociais.

Oportunamente, o exemplo abordado por Santos serve para o tema que propomos estudar. Semelhante ao discurso sobre a positividade da hidrelétrica e seus promissores benefícios, a acumulação flexível também aportou envolta por esse discurso otimista. A cidade que analisamos vivenciou os efeitos mais claros da acumulação flexível um pouco mais tardiamente, afinal, como já afirmamos, as temporalidades são distintas em cada lugar e, pensando na flexibilidade como um processo não apenas territorial e econômico, a subjetivação que lhe é implícita torna sua propagação um fenômeno muito mais inconstante.

2. Espaço: a empiria da memória

“Empiria” é o termo utilizado por Nora (1993) para defender a tese de que a memória se cristaliza no espaço, tendo nele a oportunidade de externalização de representações e materialização de identidades. A partir dessa ideia, Nora (1993, p. 7) verifica que “o sentimento de continuidade torna-se residual aos lugares”.

Embora não necessitemos discorrer tão profundamente sobre o conceito de “lugares de memória”, pois não é categoria central do presente texto, é em Nora que encontramos a pertinente observação de que nos lugares as memórias se sedimentam e, num contexto de mundialização, se conflitam. O espaço pode se tornar lócus onde forças poderosas tentam prevalecer, seja gerando uma frágil sensação de homogeneidade, seja eclodindo rupturas desconfortáveis que perturbam o senso de pertença.

O cenário urbano hoje erigido pelo “novo” capitalismo flexível reorganizou muitas cidades e, para aqueles que viveram outrora, transitar pelo comércio hoje é provocar um não-reconhecimento (ou não-pertencimento) ao ambiente, assim como, as gerações mais jovens

difícilmente reconhecem a cidade de hoje em imagens antigas. O gigantismo das fachadas de Casas Bahia, Renner, Riachuelo, Subway, Wal Mart ou C&A explicitam que hoje as cidades se renderam às tendências ocidentais de organização urbana. Uma perturbadora estandardização dos espaços com vistas ao favorecimento do fluxo capitalista, que escamoteia o passado pelo enrijecimento de um consumismo que se especializa e opõe-se simbolicamente à insubordinação ao nexos do capital.

Embora sejam recorrentes cenas urbanas compostas por logomarcas exuberantes com vistas a fisgar a atenção dos transeuntes, também existe uma arquitetura antiga, bastante opaca, quando comparada com a novidade dessas cores vibrantes do comércio moderno. É impossível não notar a destoante combinação de cores das lojas comerciais, posto que ofusca arquiteturas simplórias que subsistem espremidas entre empreendimentos de grande porte.

As palavras de Nora (1993) são possíveis de ser constatadas à medida que a conflituosidade social cristalizada nessas cenas e desperta sensações múltiplas entre as pessoas. Embora não seja possível discorrer aqui nesse texto detalhes sobre a etapa empírica do trabalho de tese que estamos desenvolvendo, é útil salientar que as representações suscitadas pelos novos contornos deixados pela acumulação flexível no espaço são bastante destoantes, pois oscilam a partir do lugar social ocupado pelos sujeitos e também em função de suas trajetórias pessoais.

Nosso empenho foi entender a forma como as pessoas significam o processo de transformações econômicas e espaciais nesse início de século, fato que permitiu observar que os entrevistados mais jovens se orgulham da mudança, não demonstrando nenhuma consternação com a mutilação do “antigo” a serviço da “modernidade”.

Quando questionávamos sobre a percepção de transformações sociais ou espaciais, colocações recorrentes eram: “... estamos numa nova era” (Felipe, 19 anos), “... a cidade está crescendo” (Mateus, 23 anos), “... Vitória da Conquista agora foi pra frente” (Sandra, 27 anos). Os entrevistados mais velhos mostram-se indecisos, posto que, ora se orgulham da sensação de prosperidade, ora põe-me num estado de pequenez diante da magnitude do fenômeno: “... a cidade cresceu muito, isso é necessário, mas a gente tem de ter cuidado para não ficar para trás” (Julio, 35 anos), “... esse crescimento todo ai é para os jovens mesmo” (Mauro, 38 anos).

Engolidos pela concorrência, os velhos empresários, por outro lado, inibem-se com as mudanças espaciais e sempre se orgulham de lembrar o desenho espacial do município no passado. Não obstante, é a desigual posição ocupada por esses homens e mulheres que fazem suscitar também diferentes interpretações sobre o lugar, afinal a conflituosidade da memória



sedimentada no espaço nada mais é do que efeito de assimetrias sociais que encontram no espaço a sua empiria. Se prédios históricos hoje se comprimem em meio a placas de trânsito e fachadas gigantes de lojas franquizadas, é porque a organicidade da “mundialização” assim requer.

Trânsito carregado, veículos estacionados, bancas instalada em calçadas, pedestres disputando espaço com motocicletas e carros de som, tornam a cotidianidade do comércio altamente poluída, carregada de cores, com fiação de postes e placas de trânsito na paisagem local. Aquele centro comercial da “velha” Vitória da Conquista se tornou pequeno para o número de empreendimento que resolveram erigir na cidade e para o volume de sujeitos que necessitam desse espaço como ambiente de sobrevivência. A praça principal da cidade, por exemplo, mostra uma infinidade de símbolos que carregam em si uma lógica própria, permeados de conflituosidade e contraditoriedade, revelando o quanto o capital imprime no espaço caracteres que garantam sua subsistência, uma vez que o funcionamento da logística da acumulação recruta do espaço para sua fluência.

Assim, as sinalizações de trânsito, os fios que se emaranham ou os veículos que caoticamente se põem à frente das lojas fazem parte da imagem que pretendemos registrar, isso porque o processo desarmônico, que aporta na cidade, irradia sensações dicotômicas, seja de orgulho ou repulsa, de empolgação ou constrangimento naqueles que o contemplam. Não se tratam de objetos aleatoriamente postos num espaço, na verdade, eles são parte de um fenômeno global e sinalizam uma etapa histórica, cuja “novidade” adentra a vida das pessoas e recompõe suas perspectivas.

De todo modo, configuração espacial urbana pode deixar uma falsa sensação harmônica que frequentemente é representada nos discursos dos entrevistados. A aparência de crescimento falseia o terreno movediço ao qual o processo de transnacionalização comercial tem posto a economia local. É nesse teor que concordamos com Sennet (2007) ao entendemos a instabilidade como máxima do capitalismo globalizado, como única regra do tempo atual. Não há longo prazo, não há certezas, tudo se mostra fugidio e fugaz, numa subjugação crônica aos ditames especulativos do capital global.

3. Identidades corroídas

Havia um sutil desconforto implícito nas narrativas dos mais “velhos”. Sejam os

comerciantes ou comerciários, apenas aqueles que passaram dos 35 anos pareciam expectadores assombrados com o que presenciavam. Esses sujeitos de mais idade não se sentem protagonizando a cena, notam-se agora assistindo o desmonte de uma cidade que outrora lhes “pertenceu”, pela amputação do “atraso” e levante do “arrojado”.

Essa sensação agonizante se mantinha nítida no diálogo com os entrevistados mais “velhos”. O desconforto é motivado por uma perda de controle e autoridade sobre o tempo presente, num recolhimento à própria obsolescência. Para os entrevistados, a novidade conferida aos novos modelos de gestão e às tendências estrangeiras que orientam o perfil do consumo local chega a ser sufocante para emitir opiniões. Esse constrangimento justifica a dificuldades dos entrevistados mais “velhos” em emitir opiniões acerca do tema investigado e a insegurança sobre a utilidade de suas narrativas para o trabalho que desenvolvemos. Vez ou outra surgiam observações do tipo: “Hoje tudo mudou, não sei se posso ajudar”, “Não se pensa atualmente como na minha época”, “Dentro do possível eu te respondo, mas não sei se na minha idade ainda posso falar sobre isso” ou “Se quiser eu te apresento meu filho, ele está mais por dentro disso que você quer saber”. Mesmo que insistíssemos nas suas narrativas, para os entrevistados mais “velhos” suas opiniões eram ultrapassadas e pouco relevantes para serem relatadas.

Esse desconforto em versar sobre as transformações vivenciadas pela economia local se justifica porque as rupturas foram bruscas e invasivas à medida que impuseram a novidade de modo muito mais rápido do que se pôde acompanhar. De repente, aquela antiga loja do centro foi demolida para ceder espaço ao gigantismo de uma rede recém-chegada, em seguida, a fachada de uma lojinha foi sendo alterada para ganhar um novo nome e uma nova roupagem e, finalmente, a mídia anunciava a novidade e a população, uníssona, acatava. Como externar saudosismo quando há consenso de que agora tudo mudou, e mudou pra melhor?

Para avigorar essa análise, é útil insistir na ideia de que as mudanças impostas pela acumulação flexível são, também, impressas no espaço geográfico, tornando-se imponente pela megaestrutura montada na malha urbana. A altivez da economia capitalista ofende a simplicidade, principalmente porque tem sido polarizada por megaempreendimentos capazes de estabelecer padrões de gestão que penetram os mais remotos espaços do globo. Nesse sentido, a imponência do capital transnacional se sobressai de tal forma no espaço geográfico, tanto pela impiedosa concorrência, como também pela ideologia que “recolhe” o simplório à marginalidade da economia. Na magnitude desse fenômeno, os mais “velhos” se notam ultrapassados, veem-se prendidos a um passado “simplório” e descolados da complexidade do mundo “moderno”.



A imposição espacial do “novo” capitalismo ocorre mediante a espetacularização do consumo em sintonia com tendências globais que se metamorfoseiam numa velocidade perturbadora, tornando-se indigesta para aqueles que são fruto de outra época. Os comerciantes e ex-comerciantes entrevistados confirmaram tal fato: “sou de uma época em que o freguês era chamado pelo nome” (Marli Miranda, comerciante), “eu apostava no comércio porque, tanto o governo, como a população, valorizava o que era da terra” (Novais, ex-comerciante), “se eu não tivesse investido na loja, teria ficado de fora... observe a fachada dessas lojas novas: são grandes, tomam quarteirões inteiros e dão impressão de credibilidade” (Amorim, comerciante).

Essa espetacularização do capitalismo, imposta hostilmente no espaço, afetou todos os ramos comerciais: lojas de material de construção hoje contrastam com franquias de gigantismo avassalador, lanchonetes se comprimem em meio *fast-foods*, lojas de confecções se acomodam modestamente entre famosas redes do varejo como C&A, Renner ou Riachuelo. Assim sendo, a espacialidade do referido fenômeno monta uma “nova” cidade, cuja sofisticação é antítese de toda carga afetiva inerente à “velha” Vitória da Conquista. Destarte, ser “velho” nesse contexto de transformações é “estar por fora desse ‘mundão’ moderno que chegou aqui” (palavras Mauro, empregado de 38 anos). O “mundão” que Mauro se refere é, certamente, aquele fruto de um processo acentuado de globalização, que nada mais é do que a mundialização das contradições capitalistas, numa estandardização cada vez maior das “manias” de consumo, com implacável agravamento da desigualdade. O referido “mundão” que finalmente “chegou aqui” é o ápice da interconexão do local ao global, com eclosão de desarmonias que desfiliam sentimentos locais e ruem identidades; é, também, o projeto da globalização para Vitória da Conquista, agora, sim, “mundializada” e esvaziada de subjetivações que são parte do teor saudosista explicitado nas palavras dos entrevistados.

Além do mais, os “velhos” não conseguem reconhecer suas histórias pessoais no espaço local, não se percebem como extensão da engenharia local, ao contrário, recolhem-se e não se atrevem a falar de uma Vitória da Conquista desconfigurada, pois, se assim o fazem, tornam-se petulantes: “agora é o tempo dessa turma mais nova pegar no batente, minha época já foi” (Novais, ex-comerciante).

É útil acrescentar que todos os comerciários entrevistados sentiam a necessidade de informar como era o espaço urbano nos seus tempos, sempre estavam desenhando com gestos ou apontando para explicar como se organizava a cidade. Em suas palavras havia uma nostalgia latente, principalmente porque as transformações espaciais foram acompanhadas por um processo severo de exclusão e desfiliação através dos novos traçados urbanos.

Paulatinamente a cidade foi se transformando e, para os entrevistados, é impossível falar dessas mudanças sem a carga emocional que elas explicitam. Assim, a imposição do “novo” capitalismo flexível se caracteriza como onda de transformação para os mais “novos”, mas para os mais “velhos”, ela assusta, principalmente pela corrosão das identidades que, substituídas por adesões artificiais e arbitrárias aos novos valores de consumo, são comprimidas pela avalanche de apelos à “modernidade”.

O capital encontrou, portanto, na mundialização a oportunidade de dilaceramento das filiações locais, pois, sempre que elas se opõem aos ditames da acumulação, há que equalizá-las aos imperativos do consumo e da subsunção à ideologia da flexibilidade. Tal fato constata o afirmado por Lukács (1992, p. 125) que entende a sociedade capitalista sob “um místico e obscuro poder, cuja objetividade fatalista e desumanizada se contrapõe ao indivíduo”.

Dessa forma, o poder penetrante do trabalho ideológico advindo da flexibilidade gera fissuras no senso de identidade, tanto porque reestrutura o espaço onde a filiação se apoiaria, como também porque afeta a subjetividade com apelos à “novidade” que arbitrariamente aportou nos mais longínquos espaços.

Para acrescentar conteúdo ao que tratamos, recorremos a Stuart Hall para entender melhor o conceito de identidade nesse contexto de transitoriedade que vivemos. O autor compreende identidade como um mecanismo que costura o sujeito à estrutura, preenchendo o espaço entre o mundo interno ao sujeito e o mundo público, o que estabelece um movimento entre o que “projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural” (HALL, 2006, p. 11-12). Mas, e quando a estrutura material, os valores, bem como os sentimentos foram alterados por uma parafernália apelidada de “modernidade”? Onde se apoiaria a identidade? As memórias não seriam suficientes para exercer essa função de apego ao espaço local?

Estudando o campo interdisciplinar da memória social, Sá a observa que existem vários subtipos de memória. O autor ressalva que essa tipologia não é estanque, ao contrário, fundem-se aleatoriamente no cotidiano das sociedades, podendo ser acionadas reciprocamente pelos usos informais do passado. Entre os tipos de memórias indicadas pelo autor, estão as memórias públicas que, segundo o ele, é “onde proliferam os chamados ‘usos públicos da história’, onde são esgrimidos os argumentos opostos do ‘dever de memória’ e da ‘necessidade de esquecimento’, onde as memórias se encontram cada vez mais submetidas à mediação dos meios de comunicação de massa” (SÁ, 2007, p. 294).



Fazendo um inter cruzamento entre os conceitos de identidade e memórias públicas, é possível ressaltar que a relação presente entre trajetórias pessoais de vida e os usos públicos da memória são carregados de conflituosidade. Isso ocorre porque é no ato de externar memórias e inscreve-las no coletivo que intercalam relações de identificação e estranhamento. É na articulação entre a dimensão individual e a pública, onde afinidades e dessemelhanças coexistem, que esgrimam interesses conflitivos e estabelecem disputas por significados, onde também ocorre a subjugação de partes mais vulneráveis às forças que se interpõem.

Assim, as identidades arrastadas pelas memórias dos mais “velhos” encontram embates de forças poderosas, quando externadas, o que intimida o resgate de um passado hoje aviltado por sua obsolescência. Por essa razão, os entrevistados de mais idade depreciavam muito sutilmente seu próprio discurso, tentavam suavizar o estranhamento provocado pela “modernidade”, mas, no fim, assumiam sua “inapropriação” para a fruição do futuro: “esse novo comércio aí é para os jovens, porque eles, sim, têm espírito corajoso, eu, como sou de outra época... [ideia inconclusa por uma expressão reticente]” (Júlio, comerciante, 35 anos).

Conclusão

Nos anos 1990, quando iniciou mais incisivamente o processo de privatizações, ingresso pesado de novas tecnologias e vertiginosa internacionalização do capital, observava-se também um discurso esperançoso sobre o novo século. Havia expectativa de que a popularização das tecnologias pudesse criar novas relações sociais e que a penetração do capitalismo transnacional melhorasse significativamente os índices de crescimento e democratizasse o usufruto do mesmo (CHOMSKY, 2008). Uma grande ingenuidade acometeu a todos que assim acreditaram, pois se ignorou o fato de que a economia podia crescer e a pobreza aumentar sem que uma coisa impedisse a outra (GENTILI, 2008). Logo, a euforia que acometeu muitos brasileiros no final do século XX foi se esvaindo com a paulatina percepção de que as mudanças ocorriam sim, porém se mostravam altamente conservadoras e excludentes.

Foi envolta por essa situação que a conversão de séculos foi marcada por arrojadas transformações no cotidiano das pessoas, pela popularização de aparatos tecnológicos e mudanças hábitos de consumo, que surpreendentemente não foram capazes de melhorar as sociedades como um todo. A suposta “aldeia global” não apaziguou conflitos, ao contrário, os

agudizou à medida que escancarou fissuras nas relações sociais e dissolveu identidades, condensadas pela artificial tentativa de “ocidentalizar” o mundo. Nas palavras de Hobsbawm (1995, p. 393): “a história dos vinte anos após 1973 é a de um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade e a crise”. Tão logo, a globalização foi se revelando como um fenômeno totalmente desarmônico, capaz de acentuar assimetrias sociais pelo rompimento da individualidade a serviço de um projeto global de subsunção ao nexo do capital.

Assim, ao afirmar, no fragmento anterior, que a intencionalidade mercantil necessita, antes, ser simbólica, Milton Santos já havia constatado o quanto o discurso ideológico antecipa o expansionismo econômico, ou seja, o teor fetichista implícito nas logomarcas do Mac Donald’s, Bob’s ou Lojas Americanas antecede sua chegada. É por esta razão que o discurso ideológico tão facilmente tem ultrapassado limites territoriais, atraindo o imaginário nos mais remotos espaços, preparando terrenos ao redor do mundo para uma postura absorta por parte da população ao consentir com a mutilação das identidades locais em nome da “modernidade”.

O próprio desenvolvimento tecnológico favoreceu a disseminação de novos padrões de consumo, atingindo diretamente a subjetividade de sujeitos, mesmo com ausência física do objeto de desejo. Além do mais, as tecnológicas viabilizaram a dispersão da retórica que submete a ideia de desenvolvimento à lógica do consumo, ou seja, fez prevalecer a visão de que a chegada das transnacionais implicaria no desenvolvimento econômico com usufruto de todos. Desta feita, o discurso ideológico, que antecede o próprio expansionismo econômico, tem dupla função: ao mesmo tempo em que molda a fantasia, impondo novos modelos de consumo, também ilude, pois agrega crescimento econômico, internacionalização do capital e qualidade de vida como se fossem consequências mútuas, sonhando a essência local, sob o pretexto da ostentação econômica.

Com a chegada das transnacionais nos mais remotos espaços, fica nítido observar que a desordem instaurada pelo “novo” capitalismo flexível não é uma obviedade, pois sua arquitetura ideológica falseia o lado perverso e unilateral de sua estrutura. Esse fenômeno global apresentou contornos locais, conectando espaços aceleradamente e, ao mesmo tempo, impondo padrões que ofuscaram - por vezes, extinguiram - peculiaridades. Logo, a indumentária ideológica do “novo” capitalismo foi se revelando incompatível com as necessidades sociais da população, instituindo sim “novas” formas de organização financeira, mas desregulando mercados, fragilizando economias e mutilando culturas pelo estranhamento típico de uma globalização unilateral.



Referências bibliográficas

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. “Novas” contradições do espaço. In: DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (org.). *O Espaço no fim do século: a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 1999.
- CEVASCO, Maria Elisa. Hibridismo cultural e globalização. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 131-138, jan.-jun. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1408>>. Acesso em: 5 jan. 2014.
- CHOMSKY, Noam. Democracia e mercados na nova ordem mundial. In: GENTILI, Pablo (org.). *Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*. 5. ed. Petrópolis: Vozes / Buenos Aires: CLACSO, 2008. p. 7-46.
- GENTILI, Pablo. Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 76-99.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Loyola, 1993.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LUCÁKS, Georg. Sociologia. In: NETTO, José Paulo. *Sociologia: Lukács*. São Paulo: Ática, 1992.
- NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, v.10, p.7-28, dez.1993.
- SÁ, Celso Pereira de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 2, p. 290-295, 2007.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.